



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Cristologia e Pluralismo Religioso

Christology and Religious Pluralism

Adriano Sousa Lima*

Doutorando em Teologia (PUCPR).

Resumo

O presente artigo apresenta ideias centrais do capítulo principal da dissertação de mestrado do autor. A partir de um contexto de pluralismo cultural e religioso, buscamos averiguar a possibilidade da elaboração de uma cristologia em diálogo com outras tradições religiosas. Por um lado, afirmamos que a nossa fé está fundamentada em Jesus Cristo, por outro lado, entendemos que em Jesus nada existe de fundamentalismo, sectarismo ou fechamento. Por isso, quaisquer cristologias para ser fiel ao seu principal fundamento, precisam ser abertas e dialogantes, pois somente assim é possível o acesso e o diálogo com outras religiões.

Palavras-chave

Cristologia. Pluralismo Religioso. Diálogo.

Abstract

This article presents the key ideas of the main chapter from the dissertation of the author. From a context of cultural and religious pluralism, we seek to investigate the possibility of developing a Christology in dialogue with other religious traditions. On the one hand, we say that our faith is based on Jesus Christ, on the other hand, we believe that in Jesus there is nothing fundamentalism, sectarianism or closing. Therefore, any Christologies to be faithful to the main foundation, need to be open and dialoguing, for only thus can access and dialogue with other religions.

Keywords

Christology. Religious Pluralism. Dialogue.

Considerações Iniciais

O pluralismo religioso emerge como novo paradigma da teologia, provocando uma mudança substantiva na forma corrente da reflexão teológica e questionando parâmetros até então inquestionáveis, entre os quais a questão da universalidade de Jesus Cristo. Na questão cristológica, reside o *punctum dolens* da construção de uma cristologia

* Doutorando em Teologia na PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba – PR, Brasil.
Endereço de E-mail: adriano.lima.66@hotmail.com

pluralista. É preciso ainda enfatizar que a cristologia constitui o tema central e ponto crucial da teologia cristã, ela é a chave para todos os outros temas da teologia. A partir de uma cristologia no pluralismo religioso será possível pensar outros temas teológicos nessa mesma perspectiva.

Cristologias: Uma síntese histórica

Inicialmente faremos um levantamento histórico de algumas perspectivas cristológicas que marcaram (e ainda marcam) o horizonte da teologia. Para esse breve “passeio” nossa referência será o teólogo Jacques Dupuis. O teólogo belga, em sua *introdução à cristologia*, afirma estar consciente da existência de diversidades de contextos e exatamente por essa razão reconhece “a necessidade de uma teologia pluralista”¹. Para Dupuis, a teologia vista como interpretação contextual está condicionada, não havendo, portanto, a possibilidade de “nenhuma teologia contextual reivindicar relevância universal”. Dessa forma, acrescenta Dupuis, “nenhuma teologia particular pode querer validade para todos os tempos e para todos os lugares”².

As divergências apresentadas nos diversos contextos exigem teologia e cristologia diferenciadas, que digam ao homem moderno sobre a vida e a mensagem de Jesus. As constantes mudanças que ocorreram no mundo provocaram a necessidade de novas propostas cristológicas. Dupuis aponta a urgente necessidade “nos continentes do Terceiro Mundo, de uma cristologia da libertação, de uma cristologia da inculturação e de uma cristologia do pluralismo religioso”³. Por isso o autor deixa claro qual será o empenho da sua obra, ao afirmar que

Desse modo, haverá o empenho de procurar, na prática libertadora do Jesus histórico, o fundamento para uma cristologia da libertação. Ter-se-á presente também a necessidade de uma inculturação da fé cristológica, propondo-se a abertura das formulações cristológicas tradicionais, na busca de uma base para a cristologia da inculturação. Além disso, o mistério de Jesus Cristo será posto em foco no contexto amplo das tradições religiosas, mostrando-se que a relação entre as outras tradições e o mistério de Jesus Cristo abre caminho para uma cristologia das religiões⁴.

Dessa forma, Dupuis em um primeiro momento apresentará as diversas abordagens cristológicas vigentes na atualidade. O autor afirma que “nunca houve, nem mesmo no Novo Testamento, uma cristologia única”. Por essa razão, ele quer fazer uma análise de algumas correntes cristológicas com a finalidade de “avaliar os méritos e os limites das várias posições cristológicas, com duplo objetivo: beneficiar-se dos frutos por

¹ DUPUIS, Jacques. *Introdução à Cristologia*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 20.

² DUPUIS, 1999, p. 20.

³ DUPUIS, 1999, p. 21.

⁴ DUPUIS, 1999, p. 21.

ela suscitados e superar suas limitações, possibilitando uma perspectiva cristológica mais completa”⁵. As perspectivas cristológicas analisadas pelo autor têm duas características distintas: algumas seguem a linha da cristologia bíblica e outras a linha da cristologia teológica.

A primeira abordagem é a histórico-crítica. Tal abordagem teve seu uso de modo específico pelos exegetas do método histórico crítico, com a finalidade de extrair dos Evangelhos tudo que é possível afirmar criticamente a respeito de Jesus. Dupuis cita o ceticismo de R. Bultmann quanto à possibilidade de estabelecer alguma coisa com a máxima certeza sobre o Jesus da história. Da mesma forma, o autor lembra que os discípulos do teólogo de Marburgo chegaram a conclusões diferentes⁶.

Se com Bultmann as buscas pelo Jesus da história foram desanimadoras, depois dele recupera-se a confiança nessa busca constante. No ano de 1964, a Pontifícia Comissão Bíblica, por meio da encíclica *Sancta Mater Ecclesia*, reconheceu a validade do método histórico crítico. Estava, portanto, aberto o caminho para utilizar o método histórico crítico, desde que não fosse de forma exclusiva e desatenta à tradição oral e ao magistério autorizado da igreja⁷. Essa advertência deixava evidentes as preocupações da igreja quanto às questões cristológicas. Uma abordagem sobre Jesus fundamentada puramente no método histórico-crítico traria consigo o risco de uma adoção exclusiva de uma cristologia funcional que não daria nenhuma atenção à sua identidade de Filho de Deus, e isso acarretaria em uma total descontinuidade⁸.

Na abordagem cristológica a partir do existencialismo, aparece com mais força a presença de Bultmann. Condicionado à visão existencial, o teólogo alemão estava interessado na mensagem querigmática e é a partir desta que somos levados a uma decisão de fé. Para ele, o convite de Deus ao homem, pelo querigma, e a resposta existencial do homem, pela fé, constituem o verdadeiro evento da revelação. Por isso, a questão do Jesus histórico é irrelevante dentro da concepção existencialista de Bultmann.

Dupuis não está interessado em deter-se nessa abordagem. No entanto, ele destaca os riscos da cristologia bultmanniana. Para ele, essa cristologia

Serve apenas para provocar uma decisão de fé. Em tal processo, a cristologia reduz-se à antropologia. Não há mais o problema de se afirmar o significado da pessoa e do evento Jesus Cristo para a salvação da humanidade. O que existe é a decisão de fé em sua relação com Deus. Em última instância, o Cristo da cristologia de Bultmann não tem seu real fundamento no Jesus da história, mas, pertencendo somente ao querigma, é convertido num mito sem consciência histórica⁹.

⁵ DUPUIS, 1999, p. 25.

⁶ DUPUIS, 1999, p. 27.

⁷ DUPUIS, 1999, p. 28

⁸ DUPUIS, 1999, p. 29.

⁹ DUPUIS. 1999, p. 30.

Afirmando os perigos que rodeiam essa abordagem, Dupuis fala da abordagem cristológica pelos títulos, que estão presente no Novo Testamento. Ele cita alguns desses títulos divididos em categorias. Na categoria dos messiânicos, aparece o “Cristo”, o “Servo de Javé” e o “O Filho do homem”. Outros títulos de ordem mais funcionais referem-se ao múnus salvífico de Jesus em relação à humanidade: Profeta, Salvador e Senhor. Para Dupuis, é fundamental “não diminuir nem sobrestimar a importância dos títulos cristológicos na Cristologia do Novo Testamento”¹⁰. No entanto ele questiona se os títulos foram usados pelo próprio Jesus ou foram aplicados a ele por outrem. Questiona também se a atribuição de tais títulos a Jesus foi iniciativa de seus ouvintes, em sua vida terrena, ou da Igreja apostólica após a ressurreição. Para ele, essa é uma perspectiva limitada e incompleta em si mesma¹¹.

Dentro de uma perspectiva teológica, Dupuis vai trabalhar cinco abordagens cristológicas. Iniciando com a crítico-dogmática, ele reafirma o perigo de absolutizar o valor das formulações dogmáticas. Para o autor, é inadmissível que a definição cristológica de Calcedônia seja a única maneira possível de anunciar o mistério de Jesus Cristo¹². Apesar de o magistério da igreja nem sempre reconhecer a pluralidade dogmática pregada por essa abordagem alegando certo “relativismo dogmático”, Dupuis afirma que existe a possibilidade real do pluralismo dogmático fundamentado em um prudente discernimento. Para o teólogo belga, “designar uma fórmula dogmática como relativa e não absoluta não equivale a relativizar nem a lhe recusar a objetividade”¹³.

Sobre essa abordagem, Dupuis destaca duas observações: a primeira é a motivação da qual essa proposta parte, a inculturação da fé; a segunda observação destacada pelo autor é a continuidade na identidade de sentido e descontinuidade na mediação dos conceitos. Este se trata de um ponto importante no estudo cristológico de Dupuis. O autor se limita a fazer essas observações sem se aprofundar em méritos ou deméritos na proposta.

Outra proposta cristológica apontada é a histórico-salvífica. Esta, por sua vez, aborda o evento Jesus Cristo em toda a “economia” das relações de Deus com os seres humanos na história. O grande nome dessa abordagem é Oscar Culmann, para quem o evento Jesus desde a encarnação do Filho de Deus até o mistério pascal de sua morte e ressurreição é o verdadeiro centro da história e o princípio dinâmico da compreensão de todo o processo histórico. Apesar de tal centralidade, os teólogos que compactuam dessa abordagem divergem entre dois aspectos. De um lado o “já”, que acentua uma escatologia realizada, e do outro o “ainda não”, que destaca uma escatologia conseqüente. Apesar dos

¹⁰ DUPUIS, 1999, p. 31.

¹¹ DUPUIS, 1999, p. 32.

¹² DUPUIS, 1999, p. 32.

¹³ DUPUIS, 1999, p. 33

acentos diferentes, o mérito dessa abordagem é situar o evento Jesus Cristo em todo o universo das relações de Deus com a humanidade, ao longo da história¹⁴.

Dupuis menciona ainda a abordagem antropológica. Nessa perspectiva, a cristologia tem seu início a partir da antropologia, compreendida teologicamente. O nome que desfruta muita consideração nessa linha é o de Teilhard de Chardin, para quem Jesus será focado como “motor” do processo evolutivo. Seguindo essa perspectiva, mas com uma concepção diferente, está Karl Rahner, para quem o homem é um ser aberto à autotranscendência em Deus e capaz de receber o dom gratuito da autocomunicação de Deus com ele. Essa concepção de homem como ser criado para Deus e a humanidade como existencialmente orientada para a autocomunicação possível de Deus no mistério da encarnação é o que Rahner chama de “cristologia transcendental”, que se completa ao lado de uma “cristologia da procura”¹⁵.

Em penúltimo lugar, o então professor da Pontifícia Universidade Gregoriana fala sobre a abordagem da cristologia da libertação. Com a preocupação de munir a fé cristológica com alicerce crítico, fundamentado no que Jesus ensinou e praticou, essa abordagem marca na concepção de Dupuis, uma “cristologia fundamental” pronta a explicitar as bases da fé. O objetivo dessa abordagem é prover a fé cristológica de sólido fundamento histórico na práxis histórica de Jesus, que é a chave hermenêutica para a prática da libertação da igreja¹⁶.

No contexto de sofrimento e miséria, em que milhões de pessoas vivem subjugadas por uma pobreza desumana e, portanto, carentes de libertação, o paradigma da vida cristã é Jesus de Nazaré, que tem como proposta fundamental a libertação integral do ser humano. Não sem razão, a práxis histórica de Jesus torna-se o tema por excelência da cristologia da libertação. Uma cristologia que, segundo Dupuis, “é decididamente de baixo para cima, sem prescindir da identidade pessoal de Jesus como filho de Deus”. No entanto, acrescenta Dupuis, “na história humana do Filho de Deus, a cristologia da libertação busca o projeto de uma libertação humana integral, já realizada nele por Deus”¹⁷. A advertência quanto a essa abordagem cristológica segue no intuito de evitar reducionismo cristológico. Por isso, a referência à verdade sobre Jesus deverá sempre ser integral, contemplando tanto a história humana como a história do Filho de Deus, ou seja, deverá haver continuidade entre o Jesus histórico e o Cristo da fé.

Enfim, a última abordagem e a que mais interessa a essa reflexão é a cristologia em perspectiva inter-religiosa. Partindo da indução, seu método assemelha-se ao da cristologia da libertação. Do mesmo modo que essa cristologia tem como fundamento a práxis libertadora da fé, também a cristologia das religiões fundamenta-se numa prática

¹⁴ DUPUIS, 1999, p. 36.

¹⁵ DUPUIS, 1999, p. 38.

¹⁶ DUPUIS, 1999, p. 41.

¹⁷ DUPUIS, 1999, p. 42.

do encontro inter-religioso, visando descobrir nesse imenso contexto algo específico da fé cristã. Dupuis, assim como o autor dessa reflexão, não tem dúvida que é possível elaborar uma cristologia das religiões que tente situar o mistério de Jesus Cristo no contexto do pluralismo religioso¹⁸.

Para Dupuis, essa abordagem deverá mostrar a originalidade de Jesus, os traços peculiares de sua personalidade, sem, no entanto, deixar de resguardar o firme enraizamento de Jesus no judaísmo. O judeu filho de carpinteiro assumiu a cultura e a religião judaica de tal forma que as transformou profundamente e fez nascer uma nova realidade. Dupuis faz a seguinte observação sobre esta abordagem:

A cristologia das religiões, porém não deve se limitar ao diálogo judeu-cristão. Hão de ser envolvidas outras diferentes tradições religiosas, como o Islamismo, o Hinduísmo, o Budismo e toda tradição religiosa em contato com a fé cristã, em outros ambientes. Nesse caso, quem estuda cristologia haverá de “descobrir aberturas” adequadas ao mistério de Jesus Cristo não só nas pessoas, quando predispostas a um Deus que se doa em Jesus Cristo (cristologia transcendental), não só na vida religiosa subjetiva delas, em que a graça de Deus em Jesus Cristo sempre atua pelo Espírito Santo (GS 22), mas também nos elementos objetivos que, juntos, constituem tradições religiosas do mundo (NA 2; LG 16; AG 9.11.15)¹⁹.

O teólogo belga está consciente de que não é tarefa fácil a identificação de toda a verdade e graça que pulsa nas tradições religiosas, mas lembra que “é tarefa imprescindível a ser cumprida com perspicácia e discernimento, na certeza de que o mistério de Cristo deve ser inculturado no contexto de pluralismo religioso”²⁰. Portanto, eis o desafio para a cristologia, que deverá sair de suas categorias metafísicas a fim de dialogar com outras tradições religiosas, com o objetivo de promover o Reino de Deus, cujo fim último é o bem integral de toda humanidade. A seguir, o texto aborda de forma específica a perspectiva da cristologia no pluralismo religioso.

Cristologia na perspectiva do pluralismo religioso

Na primeira parte, foram apresentadas de forma bastante sintética algumas perspectivas cristológicas. Entre elas, algumas estão presentes com mais vigor que outras de acordo com o contexto. Evidentemente a apresentação das referidas perspectivas é exatamente pela importância de cada uma delas. Cada uma possui seu valor e deve ser ouvida. No entanto, nesse momento, a nossa reflexão quer focar especificamente a perspectiva de uma cristologia no pluralismo religioso, embora existam ainda muitas perspectivas cristológicas que permanecem inexploradas.

¹⁸ DUPUIS, 1999, p. 43.

¹⁹ DUPUIS, 1999, p. 45.

²⁰ DUPUIS, 1999, p. 45.

Ao refletir sobre uma cristologia em tal perspectiva, concordamos com Haight que “o pluralismo religioso não precisa ser ameaçador nem para a cristologia nem para a consciência da fé cristã em geral”. Esse novo paradigma “pelo contrário, integra o contexto atual para a reflexão sobre a realidade misteriosa de Jesus Cristo”²¹. A cristologia, sem dúvida, permanece sendo o centro da reflexão teológica. É nessa disciplina teológica onde se cruzam questões fundamentais e decisivas para a fé cristã. Portanto, urge a necessidade de uma reflexão cristológica que leve muito a sério a identidade de Jesus. Conforme a assertiva de Schillebeeckx

Uma cristologia teológica - mesmo nova - não será testemunho eficiente, se não for reflexo teológico do que se torna visível na vida das Igrejas, em oração e em cuidado pelo próximo, como práxis do reino de Deus, como “ortopráxis” cristã. Somente então, também uma reflexão mais profunda sobre a identidade de Jesus se torna realmente fecunda²².

Nesse processo de produção de uma “cristologia nova” dentro do atual contexto de pluralismo religioso, será necessário se colocar diante da questão da universalidade e unicidade de Jesus Cristo. Sem pretensão de esgotar a reflexão, mesmo pela impossibilidade de tal feito, vamos seguir algumas pistas a partir da cristologia trinitária, cristologia narrativa e do “mistério de Cristo”.

A partir dos evangelhos, é possível afirmar (como já fizeram vários teólogos) que a mensagem de Jesus não dizia respeito a si mesmo. A sua vida e mensagem foi referente ao Reino de Deus. Há de se concordar com Schillebeeckx que “o Reino de Deus é a mensagem central de Jesus”²³. E uma cristologia que não leve em consideração a centralidade da vida de Jesus não deve ser considerada. Para a cristologia (seja ela em qualquer perspectiva) a figura de Jesus de Nazaré é indispensável. Esse Jesus que a história nos apresenta é indispensável para a construção de uma cristologia genuinamente evangélica.

A relação tensa entre o “Jesus da história e o Cristo da fé” é sem dúvida um fator relevante para a cristologia no pluralismo religioso. Com exceção da opinião de algumas autoridades religiosas de sua época, Jesus de Nazaré nunca foi problema. Aqui vale a citação de Benedito Ferraro:

Para os povos indígenas, Jesus representa o ser humano verdadeiro, defensor dos pobres e curador dos doentes. Para os negros, eles o reconhecem há muito tempo em seus terreiros, como alguém que já é conhecido desde há muito tempo [...] para as mulheres, Jesus da história está sempre em companhia delas, preocupando-se com seus problemas, doenças, sendo acolhido em suas casas, enviando-as em missão. Para os

²¹ HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003. P. 486.

²² SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 646.

²³ SCHILLEBEECKX, *Jesus, a história de um vivente*, p. 134.

mulçumanos, Jesus é visto como um servidor de Deus. Para os judeus, cada vez mais Jesus se apresenta como um profeta admirado pelo seu zelo pela justiça. Para os hindus, Jesus é o mediador de Deus. Para os budistas, sua figura é respeitada como alguém que sempre socorre o pequeno, o marginalizado²⁴.

Ferraro lembra ainda a conhecida história contada por Carlos Mesters que confirma a aceitação do Jesus da história pelos povos de religiões de matriz africana. Nas palavras de Mesters,

A narração fala de Jesus que andou muito e chegou a um terreiro. Ali foi recepcionado por todos. Vendo a mãe de santo que atendia a todos com muita afeição “Jesus também entrou na fila e foi até a mãe de santo. Quando chegou a vez dele, abraçou-a, e ela lhe disse: a paz esteja com você Jesus”. Jesus respondeu: “com a senhora também”. E acrescentou: “posso fazer uma pergunta?” e ela disse: “Pois não Jesus”! e ele disse: “como é que a senhora me conhece? Como é que eles sabem meu nome?” e ela disse: “Mas Jesus, aqui todo mundo conhece você. Você é muito amigo da gente. Sinta-se em casa, aqui, no meio de nós!”²⁵.

No entanto, quando a situação diz respeito ao Cristo da fé, a situação é bem diferente. O próprio Ferraro afirma que

Em relação ao Cristo da fé não podemos constatar a mesma unanimidade, pois a linguagem utilizada para apresentá-lo aos diferentes povos e culturas tornou-se poderosa, autoritária e muitas vezes violenta, como no caso da conquista da América Latina e Caribe, onde a fé cristã se apresenta de modo geral, como poderosa e temível. Seu veículo é a cultura ocidental, que se apresenta como superior e com as características de ser branca, poderosa, patriarcal-machista, adulta e frequentemente violenta²⁶.

Para uma cristologia no pluralismo religioso, a base fundamental é a figura de Jesus como alguém que viveu em comunhão com todo e qualquer ser humano, na solidariedade com os menos favorecidos, sem discriminar classes sociais, grupos religiosos ou etnias, alguém que viveu humildemente sem utilizar nenhum tipo de força a fim de coagir alguém a segui-lo. Em Jesus de Nazaré, ao contrário da prepotência, encontra-se um espírito de doação. Ao invés de sentir-se superior, identificou-se com os últimos da sociedade, assumindo todas as consequências. Ao invés de um ensino dogmático, fechado e opressivo, Jesus ensinava o amor ao próximo (ainda que este seja o inimigo) como valor supremo. Eis aqui uma cristologia que pode dialogar com outras religiões, a fim de promover a autenticidade humana.

²⁴ FERRARO, Benedito. *O desafio da fé cristã num mundo plural. Dominus Iesus: problemas pendentes janelas abertas*. In: VIGIL, José Maria (org.). *O atual debate da Teologia do Pluralismo Religioso – Depois da Dominus Iesus*. Livros Digitais Koinomia. Volume 1. Versão 1.01. 25/10/2005, p. 32. Disponível em: <http://www.servicioskoinonia.org/LibrosDigitales/LDK/LDK1port.pdf>. Acesso em: 20 out. 2013.

²⁵ FERRARO, 2005, p. 32.

²⁶ FERRARO, 2005, p. 32.

A cristologia narrativa é uma contribuição para uma cristologia em diálogo com as religiões. Conforme já foi dito, foi retomada com muita força, sobretudo na América Latina, a cristologia narrativa, que parte da dinâmica histórica de Jesus de Nazaré, levando em consideração sua história de vida, sua espiritualidade judaica e seu intenso amor pela causa do Reino. Nessa nova retomada, o foco está na existência humana de Jesus e sua profunda relação com o mistério de Deus. Nesse aspecto, reside a fórmula carinhosa como Jesus se dirigia a Deus. Conforme Jeremias nos fez saber, “Abba” era a fórmula como as crianças chamavam “papai” nos dias de Jesus. A expressão por si demonstra como era forte essa relação de Jesus com Deus. Era um homem profundamente espiritual e de um profundo relacionamento com o seu “papai”.

A cristologia trinitária é também uma proposta que contribui para uma cristologia em diálogo com as religiões. Sobre essa questão, a pesquisa evoca novamente a contribuição de Jacques Dupuis. Por um lado, Dupuis está bem consciente do problema cristológico imposto com a mudança de paradigma. Ele vê com certa perspicácia o problema cristológico na mudança de paradigma do eclesiocentrismo para o cristocentrismo, pois tal mudança, segundo Dupuis, envolve a centralidade que a Igreja cristã havia atribuído a Jesus Cristo em relação ao papel da própria Igreja. Na virada paradigmática do cristocentrismo para o teocentrismo, reside o problema da mediação constitutiva universal que a fé cristã tem atribuído a Jesus no desígnio salvífico da humanidade²⁷.

Dupuis compreende as diversas questões postas pelos teólogos “pluralistas” e dedica uma especial atenção para dialogar com elas a partir de uma cristologia trinitária. Para ele, existem duas questões que precisam ser observadas (embora esta pesquisa opte por destacar apenas uma) dentro do atual debate. Primeiramente, ele vai criticar a afirmação de alguns teólogos que afirmam a impossibilidade de ser cristocêntrico nos dias atuais. Dupuis afirma que essa afirmação precisa de “esclarecimento”. Nas suas palavras,

O cristocentrismo e o teocentrismo devem ser realmente contrapostos, como é afirmado, como dois paradigmas contraditórios? Afirmar isso já é por si uma opção teológica e cristológica. O cristocentrismo da tradição cristã não é, com efeito, contraposto ao teocentrismo. Ele jamais põe Jesus Cristo no lugar de Deus, limitando-se a afirmar que Deus o pôs no centro de seu desígnio salvífico para a humanidade, não como fim, mas como ‘caminho’ (cf. Jo 14,6), não como meta de toda procura humana de Deus, mas como ‘mediador’ universal (cf. 1Tm 2,5) da sua ação salvífica em relação aos seres humanos. A teologia cristã não se encontra diante do dilema de ser tanto cristocêntrica como teocêntrica: é teocêntrica em seu ser cristocêntrica e vice-versa²⁸.

²⁷ DUPUIS, Jacques. *O cristianismo e as religiões. Do desencontro ao encontro*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 121.

²⁸ DUPUIS, 2004, p. 122.

As palavras de Dupuis sugerem certa impossibilidade de ser cristocêntrico sem ser teocêntrico e vice-versa. Essa dialética pode ser sugestiva para uma cristologia que visa dialogar com as outras tradições religiosas. Sobretudo, o autor deixa claro que “a ação salvífica de Deus atinge de vários modos as pessoas, algumas conscientemente, outras inconscientemente”²⁹. Para o teólogo belga, é perfeitamente possível que o cristocentrismo inclusivo se harmonize com o pluralismo teocêntrico, pois, para ele, “são dois componentes complementares de uma única realidade”. Por isso Dupuis “busca” um pluralismo inclusivo ou um inclusivismo pluralista³⁰. Para ele, essa busca encontra sua expressão na cristologia trinitária, dando destaque às relações interpessoais entre Jesus e seu “papai”, e entre Jesus e o Espírito que enviará. Para o teólogo (e aqui ele concorda com os teólogos do pluralismo) deve ficar claro que Jesus Cristo não substitui o Pai³¹. E, da mesma forma que Jesus estava centrado em Deus, assim também deve ser a fé cristã. Em concordância com o paradigma teocêntrico, Dupuis afirma que

Deus – e somente Deus é o mistério absoluto e, como tal, está na origem, no coração e no centro de toda realidade; a realidade humana de Jesus, porém, é criada e, como tal, finita e contingente. Se é verdade que o homem Jesus é o filho de Deus de uma maneira única, é igualmente verdade que Deus está além também de Jesus. Quando se afirma que Jesus se encontra no centro do mistério cristão, isso não deve ser entendido em sentido absoluto, mas na ordem da economia das relações livremente mantidas por Deus com o gênero humano na história³².

O teólogo belga toca numa questão importante e essencial para o mistério, remetendo essa pesquisa à reflexão de Felix Wilfred, o qual afirma que

Os sistemas totalizantes de cristologia não nos levam, como muitas vezes se supõe, ao mistério pleno de Jesus Cristo, que permanece sempre maior (cada vez maior). Falando do amor de Cristo, Paulo torna-se contemplativo e maravilha-se com “a largura e cumprimento e a altura e a profundidade” do amor de Jesus Cristo, que “ultrapassa o conhecimento” (Ef 3,18). Este caráter apofático e incomensurabilidade pedem uma multiplicidade de cristologias, que permanecem todas minúsculas diante do mistério avassalador de que tratam. Todas as cristologias compartilham a mesma sorte; todas elas têm um lugar, mas nenhuma delas pode afirmar ser a explicação última de Jesus Cristo. Em outras palavras, qualquer cristologia precisa ser no fundo, necessariamente apofática. Há razões suficientes, portanto para acolher uma pluralidade de cristologias³³.

²⁹ DUPUIS, 2004, p. 123.

³⁰ DUPUIS, 2004, p.124.

³¹ DUPUIS, 2004, p. 126.

³² DUPUIS, 2004, p. 127.

³³ WILFRED, Félix. Pluralismo cristológico: algumas reflexões. *Revista Internacional Concilium*, n 326. Petrópolis: Vozes, p. 90-102, 2008.

Para Wilfred, essa pluralidade de cristologias sempre vai existir. E cada uma tem o seu valor peculiar por ter surgido em determinado contexto e respondido aos diversos questionamentos levantados a partir de horizontes diferentes. A questão do mistério de Jesus Cristo exerce uma importância para o desenvolvimento de uma cristologia apofática. Conforme o autor, abordar esse mistério em um contexto pluralista exige o abandono da ontologia. Ele está convicto de que “não é verdade que a melhor defesa da teologia cristã e especialmente da cristologia está na metafísica”. Para ele, as cristologias que se inspiram no pluralismo religioso e, portanto, cristologia em chave pluralista, mantém vivo e vivificante o mistério de Jesus Cristo, sem precisar recorrer a quaisquer categorias ontológicas³⁴.

A reflexão Wilfredeana move-se numa direção interessante para essa pesquisa. O autor chama atenção para o fato de que, em situações em que o problema estava mais centrado na questão de como se dá o relacionamento entre Cristo e as demais tradições religiosas, hoje é fundamental colocar a questão de forma diferente. Para ele, “é mais importante conhecer como as pessoas de outras crenças se tem aproximado da pessoa e da mensagem de Cristo em sua jornada espiritual”. O autor segue dizendo que “muitas vezes a procura do Cristo faz parte da busca espiritual de nossos vizinhos de outras crenças e mesmo de seu misticismo”³⁵. Para fundamentar a sua posição, o autor recorre aos povos do sul da Ásia e afirma

Eu poderia afirmar, sem qualquer exagero, que os povos do Sul da Ásia, por exemplo, aprenderam mais profundamente sobre Jesus Cristo da maneira como Mohan Roy, Gandhi e Vivekananda extraíram conclusões éticas da vida e ensino de Jesus, aprenderam mais da fé com que Keshab Sem interpretou a pessoa de Jesus e da maneira como o analfabeto místico Ramakrishna o experimentou, do que da fórmula de Calcedônia sobre a essência metafísica de Jesus Cristo, fórmula que está muito afastada da cosmovisão e filosofia desses povos³⁶.

Para Wilfred, muitas pessoas não cristãs, ao buscarem Jesus na sua jornada espiritual têm um encontro real e espiritual com ele. O autor chama atenção para o fato de que não se deve ter uma compreensão “tacanha” de discipulado. Fundamentando-se no episódio em que os discípulos procuravam impedir que alguém continuasse expulsando demônios em nome de Jesus, pois os mesmos não faziam parte do seguimento de Jesus, Wilfred afirma que é preciso apreciar a fé das pessoas de outras tradições religiosas³⁷.

Para o autor, a afirmativa de que a fé só atua quando Jesus é entendido como Cristo é terminantemente falsa. Os primeiros seguidores de Jesus, na concepção de Wilfred, encontraram a fé no Jesus da história, na sua vida e nos seus ensinamentos sobre o Reino

³⁴ WILFRED 2008, p. 94.

³⁵ WILFRED, 2008, p. 94

³⁶ WILFRED, 2008, p. 95.

³⁷ WILFRED, 2008, p. 95.

de Deus. Ao seguir a Jesus e experimentar a sua mensagem, havia uma fé viva e atuante em cada discípulo. O autor está em concordância com Dupuis no que se refere à possibilidade de se falar em inclusivismo teocêntrico³⁸. O plano de Deus, o mistério de Cristo e a ação do Espírito Santo têm caráter inclusivo. Por essa razão, o autor afirma a necessidade de colocar as interpretações não-cristãs de Jesus no horizonte mais amplo. Para ele, se a teologia cristã admitir que as religiões (todas elas) são lugares onde o mistério do plano de Deus, a Palavra e o Espírito estão atuantes, será possível considerar as interpretações das outras tradições religiosas sobre Jesus bem como um aprofundamento e uma reavaliação da cristologia clássica.

Por fim, o teólogo indiano Michael Amaladoss também afirmou essa dimensão mais ampla do mistério de Cristo, que se expressa na famosa frase “Jesus é o Cristo, mas Cristo é mais que Jesus”. A sua reflexão cristológica afirma que a única possibilidade de falar da plenitude de Cristo é quando se inclui todas as manifestações de Deus na história, não apenas as que foram realizadas em Jesus. Sendo assim, só é possível falar da plenitude de Cristo quando se acolhe todas as riquezas que estão presentes em todas as tradições religiosas³⁹. Logo, a partir de uma cristologia em profundo diálogo com as religiões, será possível uma maior, melhor e mais ampla abordagem do mistério de Cristo.

Considerações finais

Em um mundo cada vez mais marcado pelas desigualdades sociais, pela pobreza, pela opressão social, pela injustiça, e pelos grandes conflitos religiosos, que têm destruído milhões de vidas, a solidariedade e sensibilidade de Jesus de Nazaré deverá nos conduzir rumo ao diálogo com as demais religiões, visando unicamente à erradicação do sofrimento humano e à implantação do Reino de Deus. A cristologia só terá sentido se demonstrar seu interesse pela vida humana aqui nesse mundo. Essa é uma tarefa especificamente de uma cristologia fiel a Jesus de Nazaré, e é exatamente por causa de Jesus e “olhando para Jesus”, o centro da mensagem cristã, que estamos habilitados a falar de uma cristologia no pluralismo religioso.

A cristologia pode ser uma disciplina pluralista, pois o próprio Evangelho nos apresenta uma pluralidade de cristologias. Nesse aspecto, a cristologia precisa ser uma disciplina pluralista porque Jesus deve ser interpretado e culturalmente apropriado por comunidades particulares, do mesmo modo como aconteceu por ocasião da formação do Novo Testamento. Portanto, é válida a tese segundo a qual a cristologia no pluralismo religioso não exclui a singularidade do cristianismo, uma vez que o próprio Novo Testamento prescreve uma cristologia no pluralismo religioso.

³⁸ WILFRED, 2008, p. 96.

³⁹ AMALADOSS, M. *O pluralismo das religiões e o significado de Cristo*. In: TEIXEIRA, F. (org). *Diálogo de pássaros*. São Paulo: Paulinas, 1993, p 89-110.

Em Jesus, na sua vida e mensagem, encontramos o maior exemplo de alguém que não teve medo do pluralismo religioso. Que encarou grandes desafios a fim de dialogar com pessoas de outras tradições religiosas. Que abriu mão de privilégios e categorias doutrinárias para agir com a misericórdia e o amor. Que renunciou viver a religião do templo porque viu nela ódio e sectarismo. Por essa razão ele optou por ser “desleal” com o próprio grupo para se assentar à mesa com os publicanos, pecadores e prostitutas. É bom lembrar que não se come com qualquer pessoa. Nos dias de Jesus, cada um come com os seus. Jesus é patrimônio da humanidade. Ele é o fundamento do cristianismo. Enviado por Deus como um ser humano para todos os humanos. Ele nasceu, cresceu e morreu por causa da paz, da justiça e do amor. Por causa do Reino de Deus. Por isso, é possível uma cristologia no pluralismo religioso. Uma cristologia reinocêntrica onde o centro de Jesus não é ele mesmo, mas os outros, independente da religião.

Referências

AMALADOSS, Michael. O pluralismo das religiões e o significado de Cristo. In: TEIXEIRA, Faustino. (Org) *Diálogo de pássaros*. Edições paulinas, 1993.

DUPUIS, Jacques. *Rumo a uma teologia do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. *Introdução à Cristologia*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *O cristianismo e as religiões*. Do desencontro ao encontro. São Paulo: Loyola, 2004.

FERRARO, Benedito. O desafio da fé cristã num mundo plural. Dominus Iesus: problemas pendentes janelas abertas. In: VIGIL, José Maria (org.) *O atual debate da teologia do pluralismo religioso depois da Dominus Iesus*. Livro digitais koinonia v. 1. 2005.

HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. *A história humana – Revelação de Deus*. São Paulo: Paulus. 1997.

_____. O Evangelho não pode estar sujeito à arbitrariedade. *Concilium*, n 190, p. 27-32. Petrópolis: Vozes, 1983.

WILFRED, Félix. Pluralismo cristológico. Algumas reflexões. *Concilium*, n 326, p. 90-102. Petrópolis: Vozes, 2008.

[Recebido em: julho de 2014

Aceito em: setembro de 2014]